NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

TÁNIA TUMBEIRO E MARIA ROSENDO, TABERNEIRAS DO BAR 'AS DUAS'

"Queremos ser um espaço aberto onde a gente faga as suas atividades"

RAUL RIOS / É difícil encontrar um anaco de parede que nom esteja coberto polos movimentos sociais. As pedras do casco velho compostelano que dam forma ao bar As Duas partilham espaço com cartazes, fotografias ou colantes de vindicaçom política. De um recanto privilegiado como a praça da Oliveira, esta cooperativa formada por Maria Rosendo, Tánia Tumbeiro e Xaquim Bouça mantém umha interaçom com a vizinhança mui afastada do modelo de taberna com simples consumidores passivos.

Dentro do projeto social d´As Duas está a posta em prática da soberania alimentar.

Maria Rosendo: Efetivamente, entendemos que se vivemos na Galiza o normal é comermos e bebermos produtos galegos. Na comida apostamos por misturar os produtos ecológicos com os produtos do país, de proximidade, pois nom teria sentido ter comida ecológica se implicasse um gasto energético elevado por ter que vir de mui longe. Por isso também tentamos que todo o que se ofereça seja comida de temporada, já sejam vegetais ou carne.

De onde trazeis os produtos?

M.R.: Trabalhamos com produtoras. A carne e os ovos venhem de Chantada. Os vegetais som da própria comarca de Compostela, do colectivo de produtoras Lentura, que também abastece vários grupos de consumo da cidade.

Tánia Tumbeiro: Trazem o que se dê em cada temporada: agora temos cabacinhos, leituga, tomate, cebolas...

Quanto às bebidas é mais difícil levar à prática a soberania alimentar, nom achades?

*M.R.:*Que seja galego ao cento por cento temos genebra, que a fam em Vedra, ou a Galicola. Os licores também som de aqui e os vinhos som todos galegos, excepto o Rioja.

T.T.: Também está a sidra ou as infusons ecológicas.

Ainda nom é comum encontrar um local que desenvolva toda a comunicaçom na ortografia reintegracionista. Quais som as motivaçons?

M.R.: Nom é que se nos ocorrera, simplesmente nós somos reintegracionistas. Isto é um espaço próprio, mas também colectivo, pareceu-nos a opçom mais lógica. Também sabemos que nom é normal que neste tipo de entorno se aposte por esta norma, mas escolher outra seria ir de algum modo na nossa contra.

T.T.: Pode haver algum prejuízo, é algo ao que te arriscas, mas também é um jeito de achegar-te a um público.

O local é conhecido por desenvolver charlas, projeçons de cinema, juntanças ou atividades mui diversas.

M.R.: Isso era umha ideia que tínhamos desde o princípio, que isto nom fosse só um bar. Nós vinhamos do mundo social e queríamos ter algo mais do que um sítio onde vender álcool. Temos umha assembleia em que os três trazemos ideias e decidimos que se pode fazer.

T.T.: A gente também traz umha moreia de propostas. Cada vez mais. Ao princípio éramos sobretodo nós quem procurava atividades, mas a gente de fora foi ganhando peso.

M.R.: Isso é algo genial, é o interessante, servir como espaço para que a gente desenvolva as suas atividades. Os dous ciclos de cinema que tivemos vinhérom de fora. Tanto a Rede Feminista como o grupo de consumo Fabas Lobas pensérom na praça da Oliveira e no nosso local para projetarem os filmes.

Ainda que o bar As Duas já leva muitos anos funcionando, vos estais desde há pouco tempo.

M.R.: Efetivamente, antes eram Maria e Irene quem o levava, duas rapazas que vinhérom de Madrid com a ideia de montar e levar um bar. Elas já dérom ao bar um nome e um conteúdo específico que o fazia diferente. Por isso se nos ocorreu meter-nos na loucura de estar aqui, se fosse outro bar o que se traspassasse nom se nos ocorria colhê-lo, nem a brincar.

Ainda que conserveis o espírito, mudou algo?

M.R.: Há cousas que se perderiam e outras que se ganhárom. No tema da língua elas apostavam totalmente polo galego, mas vinham de Madrid e inteirárom-se aqui de toda a questom do reintegracionismo.

T.T.: Já tinham as cartas em reintegrado e algumha cousa mais.

M.R.: É diferente. Se calhar elas tinham uns conteúdos muito mais focados na questom feminista ou lésbica e nós nom estamos ao mesmo nível. Também é certo que só levamos quatro meses, para nós é um mundo, mas ainda é pouco tempo para termos feito muitas atividades. Temos umha série de parâmetros que som inquestionáveis: que sejam em galego, que tenham a ver com o país e que tenham umha óptica feminista. Dentro disso, a gente fai propostas que a nós nom se nos teriam ocorrido e som mais que bem-vindas. Eis a riqueza, que todo o mundo proponha.

Samuel L. Paris

LIGEIRO CLIC-CLIC-CLIC INFINITO NOS TALONS

Morrer com a torneira à altura do hipotálamo e com as correntes neoliberais em automatizaçom abdominal. Esticar-se com a cona aberta em oito e deixar nanoejacular cada umha das propostas manifestativas de um dia da mátria qualquer enquanto a alma das zebras anovadas é percorrida por formigas e formigas e cólicos e formigas. Cear o cérebro de Nina Simone com colher de madeira. Pensar que a poesia é útil ou pensar que as formigas tenhem alma ou pensar Tou Pai Pai (clic-clic-clic).

Suplicar por um registo efetivo de calugas que supliquem balas.

Intransitivizar-se mulher (de um só olho) e cada vaso sanguíneo equivalente. Tramar barco exigentemente pirata ou ácrata ou segregacionista. Medir os punhos oxítonos da discórdia através de todo o que nom sabem de ti. Levar a esquerda nacionalista a salons de baile *(taenia saginata)*. Engordar o nosso desamor e transformá-lo em Carlos Baute e dar de si os pescoços das suas camisas (clic-clic-clic).

O país está a morrer polas asas.

Jesus Cristo nom começa por ene. Zangief bicando a De Juana (clic-clic-clic).

Todo o que lemos é pura merda e isto nom tinha porque ser menos e cheguei a casa depois de aguardar por outra mulher cousa de um quarto de hora enquanto Billie Holiday se queixava de como os brancos perseguiam os negros e estes se viam na obriga de subirem às árvores. Fugir.

Desperta.

Cheira o formigom.

É agora ou nunca, carinho.